

LIÇÃO 05

ÉTICA CRISTÃ, PENA DE MORTE E EUTANÁSIA

29 de abril de 2018

Professor Alberto

TEXTO ÁUREO

“O SENHOR é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tomar a subir dela (1 Sm 2.6)”.



VERDADE PRÁTICA

A pena de morte e a eutanásia violam a soberania divina. A vida foi dada por Deus e, portanto, pertence a Ele.

COMENTÁRIO DO TEXTO ÁUREO

“O SENHOR é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tomar a subir dela (1 Sm 2.6)”.

Nosso texto áureo está inserido no Cântico de Ana, mulher de Elcana, mãe do profeta Samuel (1 Sm 2.1-11). Trata-se de um dos mais antigos e mais comoventes e belos poemas do Antigo Testamento. Tão messiânico é o texto em seu caráter que Maria, mãe de Jesus, incorporou-o em seu próprio cântico, o *Magnificat*, em que louvou a Deus por tê-la escolhido para ser a mãe humana de Jesus, o Messias (Lc 1.46-55).

O Cântico de Ana é um salmo de louvor à providência de Deus, similar a várias composições do livro de Salmos. Esse cântico celebra a reversão do dilema humano, transformando-o em uma súbita e inesperada vitória: “Esses verazes e belos pensamentos do Espírito do Senhor, primeiramente implantados no coração de Ana, e em seguida trazidos a seus lábios, tornaram-se um dos mais belos cânticos do povo de Israel, e tem sido transmitido de pai para filho, de geração em geração. Essas foram palavras proferidas por Ana, mãe do menino-profeta, que ela disse na quietude de sua própria casa, em Ramá dos Vigilantes” (Ellicott, in loc).

“O SENHOR é o que tira a vida e a dá;...” - A soberania de Deus é que determina tanto a vida quanto a morte. Só Deus pode dar vida, e só Ele tem a prerrogativa de tirá-la.

“..faz descer à sepultura...” - Em algumas traduções, temos aqui a palavra *sheol* e *Hades*. Não é provável que a referência seja a algum julgamento no *sheol*, embora possa estar relacionada aqui a crença, que apareceu relativamente tarde no judaísmo, acerca do mundo inferior (mundo dos mortos), para onde iam tanto os espíritos bons quanto os maus. Nesse caso, o argumento de Ana é que Deus não somente controla a vida e a morte, mas também envia as almas ao *sheol*, cada qual a seus respectivos lugares, conforme tiver determinado a Sua vontade soberana.

Possibilidades de Interpretação:

1. O *sheol* indica aqui simplesmente a sepultura ou a morte (essa é a posição da maioria dos intérpretes).
2. Ou, então, na época em que foi escrito o livro de I Samuel, a teologia dos hebreus já tivesse começado a incorporar alguma espécie de doutrina da imortalidade da alma, com a suposição paralela de que a imortalidade era boa para os justos, mas ruim para os pecadores. É verdade que, no tempo dos Salmos e dos Profetas, tal doutrina já fazia, claramente, parte da teologia hebraica; mas o versículo diante de nós dificilmente pode ser usado para indicar isso. Um desenvolvimento dessa doutrina ocorreu nos livros escritos durante o período intermediário entre o Antigo

e o Novo Testamento, ou seja, livros apócrifos e pseudepígrafes. No livro de I Enoque foram acesas as chamas do *hades* pela primeira vez.

3. Ou, então, a descida ao *sheol* precisa ser entendida como uma metáfora. Quando um homem está tão doente que parece estar prestes a morrer, então ele desce, por assim dizer, ao *sheol*, à sepultura. Mas, ao melhorar de saúde, volta daquele “lugar”. Em outras palavras, recuperar-se de alguma grave enfermidade também está sob a soberania de Deus. Ver Salmo 88.3 quanto a essa forma de linguagem.

“...e faz tomar a subir dela (1 Sm 2.6)”.

Interpretações:

1. Para alguns estudiosos, temos aqui uma antiga referência à ressurreição.
2. O mais provável, contudo, é que esta seja uma referência ao que aparece sob o terceiro ponto, acima: ser curado de alguma grave enfermidade.
3. Ou então pode estar em foco a exaltação de alguém nesta vida. Esse sentimento reaparece no versículo seguinte. (Adaptado).

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Romanos 13.3-5; 1Samuel 2.6,7; João 8.3-5,7,10,11
Romanos 13.3-5

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. - Mostrar a perspectiva bíblica acerca da pena de morte;***
- II - Expor o conceito e as implicações éticas da eutanásia;***
- III - Conscientizar sobre o aspecto sacro da vida.***

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

O assunto que vamos estudar nesta lição mexe com as emoções das pessoas.

Perguntas como estas dão a dimensão do drama do tema:

"Não seria justo que uma pessoa que mata, também morra?"

"Como não pensar em pôr fim ao sofrimento intenso da pessoa que amamos?"

Essas questões tocam a nossa alma e precisamos reconhecer que, por envolver o sentimento de justiça ou o de apego ao ente querido, torna-se um problema da Ética Cristã.

Por isso, professor (a), busque se informar bem acerca do caráter técnico do assunto. Temos bons livros que aprofundam muito a reflexão bíblica acerca dessas questões difíceis.

Que o Senhor ilumine o teu ministério!

PONTO CENTRAL

A vida humana é sagrada.

I. A PENA DE MORTE NAS ESCRITURAS

O Antigo Testamento prescreve a pena de morte.

O Novo Testamento reconhece a existência da pena capital, mas não normatiza o assunto.

1. No Antigo Testamento.

No pacto com Noé e na Lei de Moisés a pena de morte aparece como punição retributiva: *"sangue por sangue e vida por vida"* (Gn 9.6; Êx 21.23).

Um dos propósitos era punir com a morte o culpado por assassinato premeditado (Êx 21.12).

Essa prescrição não contraria o sexto mandamento, pois o verbo hebraico *rātsah* presente na expressão *"Não matarás"* (Êx 20.13), significa *"não assassinarás"*, isto é, proíbe efetivamente o homicídio doloso ou qualificado.

Então, ao indivíduo era proibido matar, e, quando alguém matava, a lei exigia que o Estado fizesse justiça.

Para o devido processo legal ao menos duas testemunhas eram requeridas para a efetivação do processo (Dt 17.6).

Assim, a morte do homicida era vista como justiça contra a impunidade.

Porém, havia exceções. Quando Davi adulterou e premeditou a morte de Urias, a pena não foi aplicada ao monarca (2Sm 11.3,4,15; 12.13).

Neste caso. Deus tratou pessoalmente do pecado do Rei (2Sm 12.10-12).

2. No Novo Testamento.

Aos Romanos, Paulo constata a legalidade da pena de morte e a legitimidade do Estado em usar a espada como punição ao transgressor (Rm 13.4).

No entanto, o apóstolo não normatiza a aplicação da pena, não ordena e nem proíbe, apenas reconhece a existência da lei como dispositivo punitivo.

O evangelista João registrou o caso da mulher apanhada em adultério (Jo 8.4). Os escribas e fariseus exigiram o parecer de Jesus sobre a aplicação da pena de morte para a adúltera (Jo 8.5).

Entretanto, os acusadores comportaram-se de modo parcial trouxeram somente a mulher para ser julgada, enquanto a lei exigia a presença das testemunhas e também do adúltero (Nm 35.30; Lv 20.10).

Cristo se recusou a participar deste juízo temerário e ilegítimo. Absolveu a mulher da punição, a perdoou e a exortou a deixar o pecado (Jo 8.11).

SÍNTESE DO TÓPICO (I)

As Escrituras Sagradas prescrevem a pena capital, mas não a normatiza. Jesus Cristo deve ser o ponto reparador desse assunto.

SUBSÍDIO TEOLÓGICO

Infelizmente, está na moda tomarem o exemplo do perdão de Jesus para justificar uma pessoa que vive na prática do pecado.

Não por acaso, é comum em nome do "amor" defenderem, por exemplo, uma pessoa na prática da prostituição. Anunciar o Evangelho de amor sem o apelo ao arrependimento de pecado não é apresentar o Evangelho inteiro.

Nesse sentido, a Bíblia de Estudo Pentecostal contribui muito sobre o tema: "NEM EU TE CONDENO.

A atitude de Jesus para com essa mulher revela seu propósito redentor para a humanidade (3.16).

Ele não a condena como pessoa indigna do perdão, mas a trata com bondade, clemência e paciência, para levá-la ao arrependimento.

Há salvação para ela, uma vez que renuncie ao adultério e volte para seu próprio marido (Lc 7. 47).

(1) Seria, no entanto, mais do que blasfêmia dizer que estas palavras de Cristo mostram que Ele considera trivial o pecado de adultério e a indescritível mágoa e miséria que ele provoca para os pais e seus filhos.

(2) O que Cristo ofereceu a essa mulher foi a salvação e o livramento da sua vida de pecado (v.11), A condenação e a ira de Jesus seriam 3 porção futura, caso ela recusasse a arrepender-se e ingressar no reino de Deus (Rm 2.1-10)".

(Bíblia de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, p.1588).

II. EUTANÁSIA: CONCEITOS E IMPLICAÇÕES

1. O conceito de eutanásia.

Etimologicamente a palavra "eutanásia" tem origem em dois termos gregos: *eu* com o significado de "boa" ou "fácil" e, *thánatos*, que significa "morte".

A junção destes dois termos resulta na expressão "boa morte", também conhecida como "morte misericordiosa".

O vocábulo foi inicialmente usado pelo filósofo inglês Francis Bacon (1561-1627).

No sentido técnico, a "eutanásia" significa antecipar ou acelerar a morte de pacientes em estágio terminal ou que estejam padecendo de dores intensas em consequência de alguma doença incurável.

É o ato de matar o doente para não prolongar o grave quadro de seu sofrimento e de seus familiares.

As formas usadas podem ser classificadas em eutanásia passiva ou ativa.

A primeira consiste em desligar as máquinas e aparelhos que mantêm o paciente vivo e a segunda requer a aplicação de qualquer droga que possa acelerar o processo de morte.

2. As implicações da eutanásia.

A prática da eutanásia tem implicações de ordem Legal, moral e ética.

Nos aspectos legais, a Constituição Brasileira assegura a "inviolabilidade do direito à vida" (Art. 5º).

Assim, a "eutanásia" é tipificada como crime no Código Penal Brasileiro (Art. 122).

No entanto, tramita no Senado Federal o Projeto de Lei nº 236/12 (Novo Código Penal) onde o juiz poderá deixar de aplicar punição para quem cometer a eutanásia seja ela passiva ou ativa.

Nas questões de ordem moral nos deparamos com a violação do sexto mandamento "*Não matarás*" (*Êx 20.13*), e, quando a "eutanásia" é consentida pelo paciente, surge o problema do pecado de suicídio.

Pergunta-se ainda:

A quem mais interessa a eutanásia?

Ao paciente ou ao seu Plano de Saúde?

As motivações parecem ser mais económicas que humanitárias.

As indagações éticas podem ser assim resumidas:

É lícito exterminar pessoas doentes?

Quem tem poder para decidir sobre a morte?

SÍNTESE DO TÓPICO (II)

Eutanásia é a antecipação da morte de pacientes em estágio terminal. Sua prática tem implicações de ordem legal, moral e ética.

SUBSÍDIO TEOLÓGICO

Mostremos, pois, que Deus tem um firme compromisso com a pessoa humana, desde a concepção à morte natural.

Nesses tempos difíceis e trabalhosos, que jamais nos refugiemos no politicamente correto. Antes, explicitemos a nossa posição como saí da terra e luz do mundo.

Todos haverão de saber que somos contra o aborto e a eutanásia, pois a vida é sagrada aos olhos de Deus.

Se a Bíblia em algum momento fala de uma morte boa e desejável, certamente não é a eutanásia. A única morte desejável e boa que encontramos na Palavra de Deus é o morrer na esperança cristã, conforme realça o apóstolo Paulo: 'Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro'(Fp 1.21).

(ANDRADE, Claudionor de. ***As Novas Fronteiras da Ética Cristã***, 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p.59)

CONHEÇA MAIS

O CONCEITO DE MORTE

Morte. Os dicionários definem a morte como a cessação definitiva da vida. O fim da existência humana, porém, não cabe numa definição tão simplista. No campo da ética, somos constrangidos a lidar com uma questão intrigante e perturbadora:

Será que a pessoa encerra-se apenas quando seus sinais vitais já não são percebidos?

A questão é complexa.

Os dilemas éticos daí decorrentes obrigam-nos a constatar a falência encefálica de um enfermo antes mesmo da cardíaca. P

III. A VIDA HUMANA PERTENCE A DEUS

1. A fonte originária da vida.

A Bíblia ensina que Deus trouxe o universo à existência (Gn 1.1) e que Ele próprio sustenta todas as coisas (Hb 1.3).

Deus não criou somente a matéria, mas criou também toda a espécie de seres vivos, bem como o ser humano (Gn 1.21-27; Cl 1.16).

A humanidade, como obra prima, é uma criação especial e distinta.

Deus a criou sua imagem e semelhança (Gn 1.27), característica não dada a outra criatura.

A vida humana passou a existir por causa da vontade do Altíssimo, bem como permanece agora: **"todas as coisas subsistem por Ele" (Cl 1.17).**

O Criador tem o controle soberano de toda a vida (Dt 32.39; Lc 12.7), e esta tem origem Nele: **"pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração e todas as coisas" (At 17.25).**

Portanto, o Deus vivo é a fonte originária da vida e só Ele tem autoridade exclusiva para concedê-la ou tirá-la (1Sm 2.6).

2. O caráter sagrado da vida.

A vida humana é sagrada porque a sua origem é divina.

Por conseguinte, existe a proibição de alguém tirar intencionalmente a vida de outro ser humano (Êx 20.13).

A dignidade da vida humana deve ser protegida e preservada antes e depois do nascimento, desde o momento da concepção até o seu último instante de vida (SI 139-13-16; 116.15).

A vida deve ser respeitada e valorizada como dádiva divina (2 Pe 1.3).

No caso de alguma enfermidade, o paciente tem o direito de receber tratamento adequado tanto na busca da cura como no alívio de suas dores.

Procedimentos dolorosos e ineficazes podem ser evitados a fim de resguardar a dignidade humana, porém, exterminar a vida é uma afronta ao Príncipe da Vida (At 3.15).

Se a vida é sagrada por ocasião da concepção, logo, não poderá deixar de sê-la em seu derradeiro dia.

Buscar a morte como alívio para o sofrimento é decisão condenada nas Escrituras. Jó, por exemplo, embora sofrendo dores terríveis, reconheceu o caráter sagrado

da vida e não aceitou a sugestão de sua esposa em amaldiçoar a Deus e morrer (Jó 2.9).

Por fim, o patriarca enalteceu a soberania divina sobre a existência humana (3042.2).

SÍNTESE DO TÓPICO (III)

A fonte originária da vida é Deus, e por Isso, ela é sagrada.

SUBSÍDIO TEOLÓGICO

A vida humana é sagrada porque sua fonte originária é Deus.

Essa perspectiva deve ser encarada pelo crente, não somente no início da vida e no final dela, mas nela toda, pois "não podemos nos conformar com uma ética que se chama cristã e que se preocupa simplesmente em construir pessoas abstinências e castas, ou que lute e defenda a vida apenas em seu início (contra o aborto) ou no fim (contra a eutanásia).

Precisamos de uma ética que se preocupe com a vida em sua integralidade, durante toda a existência da pessoa.

Somente uma 'ética do cuidado', lembrando-nos de que o 'cuidado que Cristo tem para com toda a humanidade é, agora, o cuidado que a pessoa cristã tem para com todo ser humano e com toda a criação', que valoriza a vida acima das coisas, é digna de nossa observação e prática, posto que esta é uma Ética de Cristo, que nos transforma em 'Cristo para os outros', para o próximo e, sobretudo, ao necessitado" .

(CARVALHO, César Moisés. ***Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções Básicas da Ciência do Educação a Pessoas não Especializados***. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p.84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida humana, sua sacralidade e dignidade, têm origem em Deus.

Atentar contra esse dom divino é colocar-se contra a soberania de Deus, o autor da vida.

O poder absoluto sobre a vida e a morte pertence a Deus.

A atual ideologia que propaga o direito do homem em exterminar a própria vida, ou a do outro, viola o propósito divino (Jo 10.10).